

SALAZAR

DEUS, PÁTRIA, MARIA



Maria do Céu Ricardo

ISBN 972-46-0869-7

© Maria do Céu Ricardo

Direitos para Portugal reservados
por Editorial Notícias
Rua da Cruz da Carreira, 4 B 1150 Lisboa

Capa: José Sapinho

Edição n.º 01 301 066
1.ª edição: Novembro de 1997
Depósito legal n.º 117 800/97

Fotocomposição e fotolitos:
Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
Impressão e acabamento:
Rolo & Filhos — Artes Gráficas, Lda.

COLECÇÃO EXCELSIOR

SALAZAR — DEUS, PÁTRIA, MARIA
PEÇA EM UM ACTO, DIVIDIDO EM TRÊS CENAS

MARIA DO CÉU RICARDO

SALAZAR
DEUS, PÁTRIA, MARIA

PEÇA EM UM ACTO, DIVIDIDO EM TRÊS CENAS

1.^a CENA

MANHÃ

A 1.^a cena mostra uma cozinha impecavelmente arrumada. Móveis antiquados, austeros, utensílios domésticos ultrapassados. Tudo muito limpo, asséptico.

Dona Maria fora cedo ao Mercado da Ribeira, como habitualmente.

Entra em cena com o cesto das compras, que poisa na mesa. Veste uma saia e blusa cinzentas e um casaco curto de malha preto.

Maria *(Com ironia.)* — O general vai hoje demiti-lo?! Foi o que disse aos jornalistas: se fosse eleito presidente da República, demitia o primeiro-ministro. *(Zangada.)* E era bem feito! E era uma coisa boa!

(Procura o avental. Põe-no.)

— Ainda ontem voltámos a falar nessa possibilidade, mas para quê, não vale a pena, fica amuado, e eu já não tenho paciência *(Pausa.)* — Mas que era uma coisa boa, lá isso era...

(Vai tirando as coisas do saco das compras e vai arrumando.)

— Então ele não está sempre a dizer que está cansado, que bem gostava ainda de viver uns anitos lá na terra, nas suas leiras? (*Muda.*) Pois sim, abelha, essa conversa já eu conheço de cor! — «Bem prega Frei Tomás...».

(*Arruma as últimas coisas atabalhoadamente. Está perturbada.*)

— Ele tem uma casa, uma casita de campo, «a minha choupana», como lhe chama, modesta, mas com todos os pertences. Tem algumas terras, lameiros, quintais. Tem as irmãs, o pedreiro Ilídio, tem os muros à volta de tudo, enfim, tem um poiso! É isso, tem um poiso! (*Pausa.*) E eu? Sim, e eu? Para onde é que vou descansar?

(*Vai pôr a chaleira ao lume.*)

— Sou para aqui uma coisa, Maria para isto, Maria para aquilo..., passei a vida a servi-lo, sempre à espera, sempre na sombra, a apaparcá-lo... (*Pausa.*)

— Sempre a pensar que talvez um dia, quem sabe, ele olhasse para mim para me ver... Não para me dar ordens, olhasse para mim como ele olha outras mulheres, com outra delicadeza no olhar... Ora!

(*Afasta o pensamento com a mão.*)

— A verdade é que nunca pensei que ele um dia deixasse o governo, habituei-me a vê-lo sempre no poder. Não é o que vem nos livros? «Quem manda? Salazar! Salazar! Salazar!». Até que apareceu aquele general a fazer ameaças. (*Imita.*): «Se eu for eleito, demito-o!» (*Repete para si.*) — Se eu for eleito demito-o!? Olha que é preciso não ter vergonha... (*Pausa.*) Bem, também é preciso ter coragem...! (*Pausa.*) — Mas, se ele o demitisse?

(Vai preparar o tabuleiro.)

—Falámos disso tanta vez, tanta vez, e ele, que não me ralasse, que nada me ia faltar, que tinha umas terras, e com as minhas economias...

(A chaleira apita. Vai apagar o lume.)

—Quem me comeu a carne, que me roa também os ossos! *(Pausa.)* — Trinta e três anos a servi-lo, trinta e três anos a fio, desde a Casa dos Grilos. *(Começa a partir o pão para as torradas.)* — Comi o pão que o diabo amassou...!

— Sempre a mudar de casa, ora para aqui, ora para ali, porque esta era pequena, não podia receber ninguém, porque naquela havia muito barulho, era a confusão do trânsito, porque na outra tinha os vizinhos a espreitar... E eu, sempre com a tralha às costas! Só o trabalho que tinha a mudar as galinhas e os coelhos! E o prejuízo que isso me dava?... Sim, porque as galinhas passavam dias a fio sem pôr ovos, assustadas, estranhavam os poisos, coitadas! O trabalho que eu tinha para elas voltarem a pôr. *(Pausa.)* Ele bem refilava, que eu perdia tempo de mais com a criação, pois sim, bem me ralava, pois não se tratava do meu pé de meia? Ora essa...

(Vai buscar a compota. Firme.)

—Hoje não vou lá acima levar-lhe o pequeno-almoço, que é para ele saber que eu estou zangada, pronto! Ele bem viu ontem que eu não estava a brincar, mas hoje é que as vai sentir. Vou ficar aqui todo o dia! *(Pequena pausa. Olha para cima.)* — Egoísta!

—Dizer-me que não pôs ainda as terras no meu nome...

—Só promessas! Eram só promessas! E eu a julgar que estava tudo na ordem...

A peça *Salazar — Deus, Pátria, Maria* foi escrita por encomenda da Cassefaz, Espectáculos, Vídeos e Publicações Culturais, Lda.

Estreada no Teatro Maria Matos, no dia 6 de Dezembro de 1995, com produção e encenação de Miguel Abreu e interpretação de Márcia Breia, esteve em cena até finais de Fevereiro de 1996.

Foi apresentada no XIX FITEI — Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, no Auditório Nacional Carlos Alberto, no Porto, em 3 de Junho de 1996; no XIII Festival de Almada, em 5 de Julho de 1996; na abertura da quinta edição do Festival de Teatro Português em França, Théâtre National de la Commune Pandora, Aubervilliers, nos dias 25 e 26 de Outubro de 1996.

Gravada para a RTP2 pela realizadora Fernanda Cabral, foi transmitida em 10 de Novembro de 1996.